Magazine Europa Catarina Domingues
11 Julho 2017

I.

Já começaram as negociações do maior acordo comercial de sempre da história da União Europeia com um país terceiro. Tratado com o Japão tem automóveis e produtos agrícolas como principais moedas de troca.

Jean Claude Juncker, presidente da comissão europeia chama eurodeputados de "ridículos". Confronto verbal está relacionado com a falta de assiduidade no parlamento.

E este mês a Estónia assumiu a presidência rotativa do Conselho da União Europeia. Analisamos as prioridades de Talin. O reforço das políticas digitais e uma maior união do bloco europeu são duas delas.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Se tudo correr como esperado, o tratado comercial entre o Japão e a União Europeia vai entrar em vigor no início de 2019.
Para já é só um princípio de acordo, mas a materializar-se será o maior pacto comercial de sempre na história da União Europeia com um país terceiro.
Shinzo Abé, primeiro-ministro japonês, que esteve em Bruxelas na semana passada para participar na cimeira União Europeia-Japão, disse que tem tudo para dar certo.

Shinzo Abe, primeiro-ministro Japão *O Japão e a União Europeia representam 30% do PIB, 10% da população e 40% do comércio mundial. Este é o nascimento da zona económica mais livre, avançada, industrializada e maior do mundo.*

Ainda não são conhecidos os detalhes deste acordo. Para já sabe-se que automóveis japoneses de passageiros vão deixar de pagar a taxa de 10 por cento para entrar no mercado europeu. Também os produtos agrícolas com origem europeia que chegam ao Japão vão beneficiar de um corte nos impostos.
A Comissão calcula que o valor das exportações originárias da União possa aumentar até 20 mil milhões de euros.
Mas tão importante quanto estes números, diz o presidente do Conselho Europeu Donald Tusk, é a partilha de valores comuns.

Donald Tusk, Presidente do Conselho Europeu *Não se trata apenas de interesses comerciais comuns. Trata-se acima de tudo de*

valores partilhados que sustentam as nossas sociedades. Com isso refiro-me à democracia liberal, aos direitos humanos e o estado de direito.

Na ocasião, e numa clara mensagem endereçada ao presidente norte-americano, Jean-Claude Juncker, presidente da comissão europeia falou contra o proteccionismo.

Jean Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia
Fecharmo-nos ao mundo não é bom para as empresas nem para a economia global, nem para os trabalhadores. O acordo coloca a justiça e os valores no seu núcleo. Tal como o nosso acordo com o Canadá, definirá os padrões para outros e respeita altos padrões de protecção laboral e ambiental.

O Japão, terceira maior economia global, é o segundo maior parceiro comercial da União Europeia na Ásia, depois da China. Em 2016, o bloco europeu exportou para o mercado nipónico 58 mil milhões de euros em bens.
Ao telefone, a partir de Bruxelas, está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

ME: Victor, sabe-se que Bruxelas e Tóquio esbarraram durante as negociações no dossiê agrícola e automóvel. De qualquer forma estas são boas novidades para as duas partes, de acordo com as declarações do líderes que ouvimos. O que é que representa este acordo para o comércio mundial, e particularmente para a Europa?
VA: *Para os europeus era fundamental que se enviasse a mensagem de que a União Europeia continua activa e que consegue assinar acordos comerciais muito importantes como este acordo com o Japão. Em relação aos membros do G20, por um lado, a mensagem era directamente destinada ao presidente norte-americano Donald Trump, um presidente que se tem mostrado bastante proteccionista e este acordo entre o Japão e a União Europeia era exactamente uma mensagem contrária, ou seja, que o futuro tem de ser um futuro de economias abertas, de comércio internacional em que não se aceite o proteccionismo. Também enviou uma mensagem muito forte para a China para mostrar à China que no Extremo Oriente o Japão é um aliado político de peso da União Europeia. São dois blocos que têm políticas internacionais muito próximas, que defendem nas arenas mundiais os mesmos tipos de valores e penso que essa mensagem era importante, como era importante mostrar à China que, apesar do interesse – que é enorme – que existe na Europa em relação ao comércio com a China, o comércio com o Oriente não se resume pura e simplesmente à China.*

ME: Que resposta poderá ter a China perante um acordo destes?
VA: *Para a China este acordo com o Japão é um acordo que é sempre visto com alguma preocupação. Dizem que há uma grande rivalidade entre a China e o Japão e também na medida em que esta aproximação da Europa em relação ao Japão é vista pela China como uma tentativa de enviar uma mensagem política à China que se a China não mudar politicamente em termos por exemplo dos direitos humanos, a Europa continuará a preferir outros parceiros comerciais e não a China.*

ME: E o Japão? A economia nipónica tem estado estagnada nas últimas décadas. Que mudança pode isto trazer para Tóquio?
VA: *A economia japonesa sofre sobretudo de um iene muito forte e para o Japão é fundamental que, apesar do preço elevado do iene, os produtos japoneses possam ser exportados para uma região económica tão importante como a União Europeia e possam ser importados sem taxas de importação, porque as taxas à importação iriam encarecer mais um produto que à partida já está baseado numa moeda muito cara. Por isso, é fundamental para o Japão que este tipo de acordos comerciais se realizem e, por isso, o Japão também apostara na parceria transpacífica ou seja na parceria com os outros países da região do Pacífico e dos Estados Unidos, só que a parceria transpacífica está neste momento moribunda em virtude da política proteccionista de Donald Trump e nesse caso o Japão tem de apostar noutras áreas e, por isso, está a tentar acelerar o seu relacionamento comercial com a união europeia.*

ME: E ainda em relação à reunião do G20, que também se realizou na semana passada... Houve vários temas em destaque. Reino Unido quer acordo para combater financiamento do Estado Islâmico; também o tema da migração e o abandono dos Estados Unidos do Acordo de Paris contra as alterações climáticas estiveram em cima da mesa nas conversações entre estas 20 nações. Que balanço faria desta cimeira, marcada também por inúmeras manifestações antiglobalização?
VA: *Pode ser visto de maneira positiva: houve a criação de um fundo que vai ser administrado pelo Banco Mundial, de um fundo de 325 milhões de dólares e que se destina a financiar as actividades empresariais das mulheres africanas. As mulheres africanas têm uma grande capacidade de empreendimento, mas têm muitas vezes muitas dificuldades no acesso ao capital. Também houve um aspecto positivo na questão do aço. Há uma grande tensão entre os países europeus e a China no que diz respeito à produção do aço. A China produz actualmente 50 por cento do aço mundial. Também há uma grande tensão entre os Estados Unidos e a China em relação ao mesmo produto. E o G20 resolveu proceder a uma*

revisão completa da produção mundial de aço e apresentar aos líderes mundiais um plano de acção de forma a resolver estas tensões entre a União Europeia, os Estados Unidos e a China no que diz respeito à produção de aço. Mas também houve aspectos extremamente negativos. Um deles foi certamente a questão do clima e as divergências enormes que existem entre os Estados Unidos e os outros 19 países membros do G20. Outro aspecto extremamente negativo foi o facto de que Hamburgo foi palco de muitas manifestações extremamente violentas de grupos anarquistas, de grupos anticapitalistas. É verdade que Hamburgo é considerada a capital europeia e provavelmente até a capital mundial da anarquia, na medida em que os grandes grupos anárquicos europeus estão sediados na cidade de Hamburgo. Houve quem dissesse com algum cinismo que, ao escolher Hamburgo, escolheu a cidade certa, tendo em conta que é a cidade da anarquia.

III.

E em Estrasburgo, o presidente da Comissão Europeia entrou num confronto verbal com o presidente do Parlamento europeu, depois de chamar os eurodeputados de "ridículos". Juncker criticava a reduzida assiduidade dos deputados europeus. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

"Vocês são ridículos". Foi assim que o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, descreveu os deputados do Parlamento Europeu. A assistir a um debate estavam apenas umas dezenas de eurodeputados.
E esse foi exactamente o problema. Perante um hemiciclo quase vazio, Juncker acusou o parlamento de não respeitar as presidências pequenas da União Europeia. No caso concreto: Malta. O primeiro-ministro maltês Joseph Muscat participava no debate para fazer o balanço da presidência que o país assumiu durante o primeiro semestre do ano.
Ora Juncker sublinhou que se fosse Merkel no lugar de Muscat tudo seria diferente.

Jean Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia *O Parlamento Europeu é ridículo, muito ridículo. Saúdo os que se deram ao trabalho de estar na sala. Mas o facto de cerca de 30 deputados estarem presentes no debate, demonstra à sociedade que o Parlamento não é sério. Queria dizer hoje: se o senhor Muscat fosse a senhora Merkel, difícil de imaginar, ou o senhor Macron, ainda mais difícil de imaginar, teria uma casa cheia.*

O Presidente do Parlamento Europeu, Antonio Tajani, interrompeu Juncker. E pediu que usasse outro tipo de linguagem.

Antonio Tajani, Presidente do Parlamento Europeu *Por favor senhor presidente, pode criticar o Parlamento, mas não é a Comissão que deve controlar o Parlamento. É o Parlamento que deve controlar a Comissão.*

Mas Juncker voltou a pedir respeito. E deixou um aviso.

Jean Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia *Nunca mais. Nunca mais estarei presente numa reunião deste tipo. A Comissão está sob o controle do Parlamento, mas o Parlamento tem de respeitar mesmo as presidências dos países mais pequenos. E o Parlamento não está a fazer isso.*

ME: Victor, a Comissão Europeia e Parlamento europeu alcançaram o grau zero de relacionamento institucional?
VA: *Eu penso que não. Penso que foi um incidente entre Juncker e os deputados presentes, que eram muito poucos, cerca de uma trintena. Juncker é uma personalidade muito espontânea. É um homem que está habituado a dizer o que pensa. Juncker irrita-se com muita facilidade, mas também é verdade que Jean-Claude Juncker acredita no projecto europeu, leva a sério as relações entre a Comissão e o Parlamento Europeu e o facto de ter visto tão pouca gente na sala o irritou profundamente.*

ME: É uma boa ocasião para percebermos um pouco mais sobre o papel do Parlamento Europeu. Qual a importância desta entidade? Que papel desempenha no processo legislativo da União Europeia? Para que serve um eurodeputado?
VA: *O Parlamento Europeu neste momento tem muito mais importância e visibilidade que tinha há alguns anos atrás. O Tratado de Lisboa, que entrou em vigor a 1 de Dezembro de 2009, deu poderes acrescidos ao Parlamento Europeu e nomeadamente permite ao Parlamento Europeu aprovar o orçamento da Comissão Europeia, também tem a possibilidade de eleger o presidente da Comissão Europeia e aprovar os comissários. Além disso, neste momento, o Parlamento Europeu tem poderes legislativos numa série de matérias, incluindo em questões de segurança, de imigração, de justiça, mesmo de energia e mesmo agricultura. E isso faz com que evidentemente haja que ter mais intenção o trabalho do Parlamento Europeu. E é verdade que há muitos deputados que trabalham de uma maneira bastante intensa, mas também há deputados vindos de praticamente todos os países que são deputados que já ultrapassaram o prazo de validade enquanto políticos no seu país de origem e acabaram por ser despachados*

para o Parlamento Europeu como uma espécie de estação terminal da sua vida política e é verdade que esses deputados ainda pesam no Parlamento Europeu e diminuem o prestígio de uma instituição que na realidade tem estado a ganhar força.

IV.

Malta encerrou no fim de Junho a presidência rotativa do Conselho da União Europeia. Sucedeu a Estónia, com um mandato que se estende até ao final do ano

Talin já anunciou como prioridade o reforço das políticas digitais. "A Europa tem de explorar os benefícios do progresso tecnológico, que resulta em mudanças constantes para os cidadãos, negócios e governos", pode ler-se no programa semestral disponível na internet, que refere uma aposta no desenvolvimento do comércio electrónico transnacional.

Também a luta contra o terrorismo vai assumir um papel de relevo nos próximos seis meses. É proposto um aumento das despesas na defesa e uma reforma do sistema europeu de asilo.

A negociação do Brexit é outra das prioridades de Talin, que defende que a União Europeu deve ser "mais unida e forte".

<u>ME: Victor: É a primeira vez que a Estónia assume a presidência rotativa. O que podemos esperar do país?</u>

VA: *A Estónia é um país dinâmico, um país muito jovem, um país muito interessante. É o país que está mais avançado em termos de economia digital. É um país pioneiro na área da economia digital e, por isso, nós podemos esperar da Estónia várias coisas: por um lado, muita inovação, por outro, um grande reforço da Europa digital. Também é um país muito preocupado com as questões da segurança e defesa, tendo em conta que é vizinho da Rússia e tendo em conta também que cerca de ¼ da população da Estónia é etnicamente russa e fala russo, ou seja, a Estónia sente-se muito vulnerável em relação à Rússia e vai certamente nos próximos seis meses pôr um acento muito forte nas questões de defesa e de segurança. Por outro lado, a Estónia tendo em conta o seu passado enquanto um dos estados na União Soviética vai certamente fazer com que a União Europeia se interesse pela Europa de Leste.*

<u>ME: E quais poderão ser as maiores dificuldades?</u>

VA: *Provavelmente o acento tónico vai ser mais na relação com a Rússia e na relação com o Leste e menos nas questões relacionadas com o Mediterrâneo, ou seja, a Estónia tem que ter em atenção que não pode contribuir para a divisão da União Europeia entre os países do Leste e do Norte, que estão sobretudo preocupados com a situação à volta do Mar Báltico e a fronteira com a Rússia e as questões da Ucrânia, por exemplo. E tem de encontrar um equilíbrio entre essas questões e as questões que se estão a passar neste*

momento no Sul da Europa, e nomeadamente no Mar Mediterrâneo, que são problemas fundamentais e que na realidade exigem uma atenção muito especial.

V.

Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa. Para a semana voltamos à conversa.
E, como sempre, antes de terminar, deixamos aqui uma nota cultural.
No dia 4 de Julho celebraram-se os 60 anos do lançamento do Fiat 500.
Foi em 1957, que foi produzida em Itália a primeira unidade deste modelo da Fiat. O sucesso foi imediato: 4 milhões de exemplares comercializados na Europa até 1975. Desse número, disse o fabricante, cerca de 400 mil permanecem em circulação.
Considerado um dos mais clássicos modelos da indústria automóvel europeia, o pequeno carro marcou uma época.
A atual geração do Fiat500, que chegou aos mercados em 2007, manteve os elementos de design do modelo original.
E para marcar os 60 anos, a Fiat lançou selos comemorativos.
Produziu também uma série especial limitada de aniversário, lançada em Março no Salão automóvel de Genebra. Esta nova série foi buscar inspiração ao modelo de 1957.
Também o MOMA, museu de arte moderna de Nova Iorque incluiu este mês o automóvel mais querido da história da Fiat na sua colecção permanente. O modelo em exposição é o Fiat 500 série F Berlina, considerado o mais popular de todos os 500 - fabricado entre 1965 e 1972.
Ficamos por aqui. Até para a semana.

VI.

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + (mais).

Estamos no Facebook em Magazine Europa.

Magazine Europa
11 Julho 2017

Catarina Domingues